

## GÊNERO E EDUCAÇÃO: O FEMININO SANTIFICADO NO CARIRI CEARENSE

Polliana de Luna Nunes Barreto<sup>1</sup>  
Patrícia Helena Carvalho Holanda<sup>2</sup>

### Resumo:

Trata das representações sobre o feminino santificado no Cariri cearense, observando que esse feminino atua como elemento de amoldamento dos sujeitos, na medida em que é também amoldado por meio de um fenômeno educativo *lato sensu*. Aborda a escrita em estilo hagiográfico sobre Luzia Coelho, de Barbalha – CE (1923 – 1952), enquanto elemento de propagação de modelos para o feminino, considerando o recuo temporal. Considera que a observação da história de vida das santas em período anterior à atualidade é importante para compreendermos como esses contextos históricos interferem nos valores constituídos no Brasil para a idealização da Santidade e dos papéis femininos. Ressalta, como síntese, a vinculação do discurso relacionado ao código moral católico-cristão, os aspectos também relativos à manutenção da família nuclear e os elementos educacionais que propagam funções para o feminino e constroem a santidade.

**Palavras-chave:** Gênero. Educação. Santidade. Cariri. Luzia Coelho.

## GENDER AND EDUCATION: THE FEMININE IDEAL SANCTIFIED IN THE CARIRI REGION OF CEARÁ IN BRAZIL

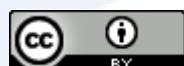
### Abstract:

This paper addresses issues relating to the feminine ideal sanctified in the Cariri region of Ceará in Brazil and how it influences feminine values through the education system *lato sensu*. It takes as main source the hagiographic writings related to St. Luzia Coelho, Barbalha - Ceará (1923 - 1952), and some historical considerations applicable during that period. Then, it studies and reflects on how resulting feminine ideals have been developed from that. We consider how the hagiography of female saints has influenced the values associated with idealized sainthood and feminine role models in Brazil. We also highlight the links between some Catholic-Christian values relating to morality, family, and education and how they have contributed to shaping modern-day feminine roles and sainthood.

**Keywords:** Gender. Education. Sainthood. Cariri. Luzia Coelho.

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. Professora da Universidade Federal do Cariri no Instituto Interdisciplinar de Sociedade Cultura e Artes. Desenvolve pesquisas em Educação, História e Memória, Gênero e Políticas Públicas. E-mail: [pollianabarreto@gmail.com](mailto:pollianabarreto@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Pós-doutorado pela Univerdidade de Brasília. Professora de Psicologia da Educação do Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará. E-mail: [profa.patriciaholanda@gmail.com](mailto:profa.patriciaholanda@gmail.com)



## GÉNERO Y EDUCACIÓN: EL FEMINISMO SANTIFICADO EN EL CARIRI CEARENSE

### Resumen:

Trata de las representaciones sobre el femenino santificado en el Cariri cearense, observando que ese femenino actúa como elemento de amoldamiento de los sujetos, en la medida en que también es amoldado a través de un fenómeno educativo *latu sensu*. Aborda la escrita en estilo hagiográfico sobre Luzia Coelho, Barbalha-CE (1923-1952), en tanto elemento de propagación de modelos para el femenino, considerando el recuo temporal. La observación de la historia de vida de las santas en el periodo anterior a la actualidad es importante para comprender como **esos** contextos históricos interfieren en los valores constituídos en Brasil para la idealización de la santidad y de los roles femeninos. Destaca, a modo de síntesis, la vinculación de los discursos relacionados al código moral católico-cristiano, sus aspectos también relativos a la manutención de la familia nuclear y los elementos educacionales que propagan funciones para **lo** femenino y la construcción de la santidad.

**Palabras clave:** Género. Educación. Santidad. Cariri. Luzia Coelho.

### 1 INTRODUÇÃO

A Santidade é tema recorrente em trabalhos acadêmicos na contemporaneidade. A relação entre o santo e a vida cotidiana e os valores sob posse do sujeito são elementos importantes na constituição de representações da realidade em uma dada comunidade e num dado momento histórico. Aqui tratamos da categoria Santidade entrelaçada às questões de Gênero, particularmente aquelas que se referem ao cisgênero feminino. Ao abordar as duas categorias, Santidade e Gênero, nos voltamos para o impacto da hagiografia como elemento educativo na construção de práticas e representações do feminino.

Estudos sobre Feminino e Santidade têm conquistado a atenção de estudiosos de várias áreas que têm se voltado a esse fenômeno na tentativa de compreender essa realidade e poder contribuir para os estudos de Gênero. Sobre isso, podemos citar o trabalho de Álvaro Dellano Rios Morais (2008) que, na Sociologia, estudou o processo de “canonização espontânea” de Mártir Francisca em Aurora, na região do Cariri cearense; no campo da História, o trabalho de Cicero Joaquim dos Santos (2009), que enveredou pelas tradições orais que permeiam a morte de Rufina, em Porteiras, também no Cariri-CE. Este trabalho traz um debate sobre o papel de intercessora que essa mulher passa a ocupar depois de sua morte, e, ainda na História, a pesquisadora Edianne dos Santos Nobre (2014) estuda a experiência religiosa e mística do “corpo sofredor” a partir dos eventos ocorridos em Juazeiro do Norte (Cariri), envolvendo a Beata Maria de Araújo. Além dos citados

trabalhos podemos ressaltar as contribuições de Ellsberg (2008), Martins (2013), Duarte (2006), Silva (2008), Mezan (1992) e Fleck e Tavares (2015).

A Educação se constitui como campo próprio para a elaboração dos papéis de gênero, não apenas no espaço escolarizado, mas de modo ampliado por meio das variadas práticas sociais que se propagam como efeito educativo. Daí compreendermos que a santificação de mulheres atravessa o campo da Educação *lato sensu*, não escolarizada. A formação de representações que fundam as sociedades são, em geral, também fenômenos educacionais, já que estes são transmitidos e se transmitem em meio a realidades educacionais. Dessa forma, trataremos das representações na escrita de estilo hagiográfico enfocando uma fonte em particular: Luzi, Mártir do Ceará (FEITOSA, s/d).

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ao observar os resultados de pesquisas que apresentam os elementos da hagiografia para edificação de um modelo de Santidade feminina, deles nos valem para situar o nosso objeto de estudo nesse campo. Tratamos das representações sobre o feminino santificado no Cariri cearense, considerando que esse feminino atua como elemento de amoldamento dos sujeitos, na medida em que é também amoldado mediante um fenômeno educativo *lato sensu*.

Em vista da complexidade temática, fomos ao encontro de quatro autores que dão uma especial contribuição ao passo que oferecem conceitos-chaves para discutir as produções e representações sobre o feminino na região do Cariri a partir da fonte hagiográfica a qual nos dedicamos, e que dão vazão aos conflitos que se elaboram ao longo do tempo ao tratar de modo relacional as categorias de Gênero e Santidade. São eles: Michel Foucault (1997), Roger Chartier (1990), Pierre Bourdieu (2010; 2014) e Michel de Certeau (1994). O discurso (FOUCAULT, 1997), as representações (CHARTIER, 1990), a violência simbólica (BOURDIEU, 2010,2014) além dos conceitos de estratégias e táticas (CERTEAU, 1994) são marcos teórico para análise das fontes.

Em Foucault (1997) encontramos um debate sobre discurso, poder e controle que se acha inserido ao observarmos a produção de santidade feminina no Cariri cearense, tendo a hagiografia como mecanismos de propagação de condutas e valores, institucionalmente abrigados pela Igreja Católica Apostólica Romana. Chartier (1990), por sua vez, nos traz a imprescindível contribuição sobre os

processos de apropriação, práticas e representação ao lidar com as percepções da realidade. Certeau (1994) vem nos chamar atenção para um intrigante processo social, que o mesmo nomeia de estratégia e tática, ao tentar explicar a tensão entre os variados grupos sociais e o resultado dessas tensões na medida em que cada grupo ou indivíduo (re)elabora mecanismos de imposição de suas necessidades/vontades; enquanto Bourdieu (2010, 2014) nos ajuda no debate acerca do fenômeno da violência que gravita em torno das representações do feminino que são o foco desta análise.

O discurso está no bojo das práticas discursivas, que em Chartier (1990) consideramos um tipo de prática cultural. Elas visam ao condicionamento dos sujeitos. Para Foucault (1997) em Arqueologia do Saber os enunciados que compõem o discurso são instáveis e resultado das heterogeneidades da realidade. Os reconhecemos como objeto de luta regulado por uma ordem que se define no cotidiano por meio de lutas políticas. Na referida obra ele trabalha com a ideia de discurso ao invés de categorias tradicionais como teoria, ciência, ideologia e religião. Para o autor, o sujeito passa a existir quando construído discursivamente, o que nos leva a nos aproximarmos da ideia de representação.

Em Chartier (1990) percebemos que as representações são construções que os grupos fazem sobre suas práticas. O autor advoga em sua tese que não existem estruturas que não sejam representadas, assim, o que interessa ao historiador seria priorizar as representações, pois a diversidade cultural advém da dinamicidade da experiência, em sociedade não há divisões estáticas. Nesse sentido, pode-se dizer que as construções das representações não se dão de forma homogênea sem disputa ou conflitos, elas se constroem conflituosamente entre grupos e dentro de um mesmo grupo, ao mesmo tempo, o que aproxima nosso objeto aos estudos de Certeau (1994), para quem estratégias e tática são expressões desse conflito.

Abordaremos a fonte sobre Luzia Coelho, Barbalha – CE (1923 – 1952), buscando os elementos de propagação de modelos para o feminino, considerando o recuo temporal e a literatura acerca da temática. A análise da história de vida de mulheres como Luzia são importantes para compreendermos como tais contextos refletem os valores constituídos no Brasil para a idealização da Santidade e dos papéis femininos.

### 3 HAGIOGRAFIA E EDUCAÇÃO PARA O AMOLDAMENTO DO FEMININO

A educação tanto tem relação direta com a produção de santos quanto com o surgimento de universidades em diversas cidades ocidentais, ainda no século XIII; influenciou, segundo Silva (2008), a produção hagiográfica. Esses conhecimentos que seriam produzidos deviam responder às exigências de uma sociedade complexa e em expansão, havia a necessidade de compreender Deus, regular comportamentos e administrar bens. Sobre a capacidade modeladora que tem a escrita da vida dos santos para uma dada comunidade, Martins (2013, p.17) afirma que estes escritos “[...] Constituíam espelhos de perfeição, que poderiam guiar as condutas de mulheres situadas em diferentes estados, como freiras, casadas, donzelas e pecadoras arrependidas”. Segundo o autor, muitas das ideias desenvolvidas dentro dessas instituições de ensino contribuíram para a consolidação do discurso misógino. A partir da retomada dos textos clássicos greco-romanos, foram sistematizadas reflexões que advogavam pela inferioridade e fraqueza da mulher.

O papel da hagiografia como elemento para condicionamento de condutas remonta à necessidade de divulgação e registro da vida dos santos e, igualmente, a observância do exemplo de vida de homens e mulheres que, ao guardarem sua fé e suportarem privações, conquistam com a morte a ascensão da alma e a libertação dos sofrimentos terrenos. Durante a Idade Média era comum o uso do *Exemplum* como gênero didático-literário que, ao expor uma narrativa, trazia uma lição moralizante; essa narrativa escrita ou verbalmente exposta para um grupo de pessoas por professores, religiosos e oradores diversos contribuía para promover modelos de conduta adequados ao contexto histórico vivenciado.

Com o advento da Contrarreforma a Santidade será reconhecida a partir de intenso processo probatório e que demanda um trabalho de enaltecimento dos indivíduos dedicados à causa da Igreja, tanto que o reconhecimento institucional de Santidade relaciona-se diretamente com a participação em criação, manutenção e consolidação de ordens monásticas, dedicação à vida religiosa, sendo à obediência à hierarquia da Igreja uma das virtudes reconhecidamente valoradas.

As mulheres santificam-se por excelência na esfera privada enquanto aos homens a Santidade se eleva por seus feitos na esfera pública, uma relação clara das funções definidas socialmente para o gênero. O controle do corpo feminino é

claramente uma bandeira hasteada pela literatura cristã e outros institutos formais erigidos com esse fim.

Nos primeiros séculos da Cristandade, a virgindade já era um valor a ser preservado, unindo muitas mulheres em torno de congregações para a vida religiosa. São Jerônimo, que viveu entre 397 e 420, é considerado Doutor da Igreja Católica, por sua produção acadêmica, responsável por uma vasta obra teológica. Foi confessor e diretor espiritual de algumas mulheres patrícias romanas que escolhiam a vida casta, entre elas Leia, Marcela e Paula, com suas filhas Blesila e Eustóquia. Da sua relação com o feminino chegou até os dias atuais cartas nas quais Jerônimo orientava e educava rumo à preservação da castidade.

As cartas de São Jerônimo não tratavam da vida de santas de modo específico, mas tinham o objetivo direto da instrução, por outro lado serviram, conforme aponta Oliveira (2013), de inspiração para uma mulher posteriormente canonizada, Santa Tereza D'Ávila, cofundadora da Ordem das Carmelitas Descalças junto com São João da Cruz. Sua hagiografia, por sua vez, inspirou outra santa muito cultuada pelos católicos, Teresa de Lisieux, ou Santa Terezinha do Menino Jesus. Ao observamos a hagiografia, enquanto instrumento educativo, podemos perceber como os discursos de gênero se fazem presentes na construção de Santidades.

#### **4 A HISTÓRIA DE VIDA DE MULHERES SANTAS NO CARIRI CEARENSE**

A fonte a que tivemos acesso sobre Luzia Coelho trata-se de uma biografia, e nesta, a voz é masculina, os valores que saltam a vista são cristãos e os silêncios nos lançam num oceano de representações. Na nossa análise, mais que fazer afirmações sobre as características da mulher biografada na fonte a que nos detivemos, buscamos observar as regras de conduta e valores que, em conformidade com o discurso católico deveriam ser propagados.

Partimos do entendimento do discurso institucional e não individual; não é o Pe. Neri Feitosa, autor da biografia, quem fala por excelência; apesar de reconhecermos a existência de sua subjetividade, já que devemos considerar o cruzamento de seu discurso individual com os valores institucionalmente propagados pela doutrina católica; sobressai em nossa análise, a vinculação de seu discurso com código moral católico-cristão e os elementos educacionais que propagam funções para o feminino e para um modelo de santidade.

Mártir Luzi, como passa a ser denominada após seu assassinato, tem sua trajetória contada por Pe. Neri, que delinea aspectos de sua infância, juventude e vida adulta. Relacionamos esses tempos de curta duração com os aspectos culturais de cada época em conciliação com os ditames morais propagados pela Igreja (moral cristã), pelo Estado (legislação civil) e pela Ciência (manuais de conduta e comportamento), de modo a encontrar pontos de interseção com o fenômeno de santificação feminina no Cariri em face das representações de gênero. Sacrifício e plenitude se encontram nesta narrativa.

A biografia de Luzi está organizada em duas partes, intituladas “Vida” e “Morte”, respectivamente. A primeira parte dá conta dos fatos que marcaram a vida do biografada entrelaçadas às características que fazem de Luzi a Mártir do Ceará, conforme é intitulada a obra. A primeira parte se segmenta em: A família; Os Pais; Nascimento e Batismo; Infância; Inteligente, aplicada e sensata; Catecismo; Primeira comunhão; Em formação; Suas orações; Saúde; Adornos; Alma impressionante; Fisionomia; Pureza de Anjo; Casamento; Mãe e madrasta; Esposa; Mulher do trabalho; Piedade; A pregadeirinha; Amor aos pobrezinhos e Caridade inteligente. A segunda parte, dedicada ao processo de morte e santificação popular se divide em: O inimigo doméstico; O Luiz seu Serenelli; Más tendências de um psicopata; Reserva heroica; A Morte; O sarapatel do Luiz; O Sudário de crivos; Fama de santidade e credora dos aflitos.

Um feminino de resistência ou afronta não parece ser uma representação adequada à estratégia de manutenção da ordem social em defesa da família, seja essa defesa oriunda de um contexto de laicidade ou de relação direta com os ideais católicos. Observamos que os valores cristãos de santidade são adaptados à realidade do estado laico, as fragilidades inerentes ao feminino oriundas do ideal de Eva ou Maria dão lugar às ideias de feminino construídas pela Ciência que demanda um sujeito que possa contribuir para o progresso social mediante a defesa da família.

A fonte produzida sobre a vida e morte de Luzi é produzida por um padre nos anos 50 no interior do Nordeste brasileiro, momento em que no Brasil já se conclama as benesses da ciência e do progresso. Contudo, ainda que o discurso católico sobre o feminino pareça fora da ordem do dia, ele na verdade se encontra relacionado ao modelo essencialista amparado na Biologia que apregoa a existência de dois sexos que determinam o Gênero e impactam nas características

psicológicas e emocionais do indivíduo. Assim, conforme esse modo de encarar a sexualidade, quando santa a mulher guardaria relação com características e valores próximos à sensibilidade, submissão e maternidade, destinando-a ao espaço privado e ao homem de forma oposta a razão que o levaria a atuar no espaço público.

Segundo Neri (2005), essa era uma tentativa de restauração do lugar tradicional do masculino, diante dos embates acerca da função do indivíduo na sociedade. O modelo essencialista era suficiente para justificação do patriarcado, “trata-se de uma estratégia de preservação do pai como aquele que encarna a ordem na civilização e da afirmação do papel determinante do homem na cultura” (p.62). Assim é que Luzia é retratada na fonte como um sujeito adequado ao papel da maternidade, do casamento e da santidade que pode advir a partir do rígido cumprimento do papel social. A sexualidade e os papéis a serem desempenhados se naturalizam socialmente e, segundo Foucault (2014), são confiscados pela família conjugal e o debate fica restrito ao espaço privado.

Feita essa observação, olhamos para a fonte e percebemos o realce dessas características, as quais se mantêm ao longo da primeira metade do século XX, por meio de processos de ressignificação de ideais, apropriações e práticas, não exatamente nessa ordem, a despeito da famigerada laicização, de ordem formal, do Estado. Está a Igreja Católica, sujeito do discurso analisado, corroborando com o Estado na manutenção dos papéis sociais a partir do Gênero.

Luzia Coelho Landim nasceu em Barbalha, em 7 de maio de 1923. Seus pais Luiz Coelho Barreto e Ana Macedo Coelho eram proprietários de terras em Barbalha e, conforme aponta o biógrafo de Luzia, gozavam de estabilidade econômica com a atividade desenvolvida no engenho que possuíam na propriedade. A família era católica e passou para os filhos a religião estabelecendo, por meio do batismo, a filiação religiosa.

Luzia era a primogênita de dezesseis irmãos e contribuiu com os pais nos cuidados com a prole numerosa, desempenhando atividades e prendas domésticas desde cedo, ao que o biógrafo de Luzia não poupou elogios: “Era uma pequenina dona de casa, esperta e cuidadosa, inteligente, aplicada e sensata” (FEITOSA, s/d, p.09). O discurso do autor vai ao encontro do ideal almejado para a mulher que deveria conduzir a gerência do lar e o cuidado com a família.

No final do século XIX e início do século XX se multiplicam a impressão de manuais de comportamento feminino com uma infinidade de orientações sobre o



comportamento e os saberes desejáveis às moças de boa família, a fim de que, desde muito cedo, as meninas tivessem acesso aos conhecimentos necessários ao desempenho das funções de esposa e mãe. Sobre isso, relacionamos com a exposição de Albuquerque (s/d), que ao que tudo indica escreve *Noções de Educação Doméstica*, pela Editora Getúlio Costa, na primeira metade do século XX. Para este autor, os conhecimentos de economia doméstica para uma mulher casada eram muito mais importantes que os que eram ensinados nos colégios e nas universidades (ALBUQUERQUE, s/d, p. 17).

Percebe-se que não apenas a literatura filiada ao catolicismo apresenta o feminino como elemento imprescindível ao sucesso do empreendimento familiar a partir das características comumente propagadas, mas também a literatura vinculada ao pensamento liberal faz emergir uma representação de mulher que tem como missão primordial contribuir para o desenvolvimento da nação por intermédio de sua dedicação materna e de seus cuidados em profissões que se feminizam, a exemplo da docência.

A concepção de mundo que pauta o comportamento de mulheres e homens reserva ao feminino o papel mais “edificante”, que é o da reprodução, da boa mãe, da esposa dedicada, da mulher sensível, da educadora comprometida (BEAVOUIR, 1960; GREENE; KAHN, 1994). Essa construção cultural colocou a mulher ou próxima da figura devotada e de santidade similar à Virgem Maria, ou em seu extremo oposto, da mulher inconstante e rebelde como a Eva, caracterizada pela tradição judaico-cristã.

Luzi é retratada pelo Padre como uma moça recatada, sem grandes vaidades e disciplinada. Na ocasião em que estudou por alguns meses em Barbalha, o autor dá conta de que era aluna aplicada, citando o “Mestre Ferreira”, professor de primeiras letras de Luzi. Enfatiza ainda o papel dos pais da menina que tratavam de exercer rígido controle sobre suas companhias e atividades: “Sempre ocupada em casa, não saía. Não lhe permitiam os pais brincar com qualquer companhia. Deste modo, sua alma foi amadurecendo depressa para a prudência, para a serenidade e para a perfeição” (FEITOSA, s/d, p.09).

Tomando por base o entendimento de Foucault (2014, p. 41) “(...) todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e poderes que trazem consigo” Dessa forma, o discurso sobre Luzi se constitui como parte de uma das dinâmicas

educacionais, aí entendidas não apenas como o espaço dedicado à escolarização, mas também à imprensa, ao doutrinação religioso, entre outros espaços de troca de experiências e constituição e propagação de discursos.

Percebe-se na narrativa a participação da família, tendo por finalidade o amoldamento dos caracteres subjetivos do indivíduo. Tal cenário nos aproxima do entendimento de Bourdieu (2014) sobre a instância familiar na propagação do domínio de um gênero sobre outro. Outro trecho que demonstra essa perspectiva diz respeito ao momento em que o autor compara o colo materno à escola, diz ele: “No colo materno, que por sinal é a melhor escola de catecismo, aprendeu os rudimentos da doutrina cristã” (FEITOSA, s/d, p.09). A conduta da mãe de Luzi parece, ao autor, o definidor do caráter da menina, o feminino se apresenta mais uma vez no discurso como o responsável pela sorte do indivíduo, ao alcançar o ideal almejado tem enaltecido o papel educador conferido à maternidade.

Podemos aferir que o contrário também se daria, a falência da família seria responsabilidade da mulher diante de um comportamento fora dos padrões aceitos então. Ao enaltecer o caráter educacional da família, o texto parece servir de fio condutor dos leitores para o encaminhamento de sua própria família à luz dos valores morais cristãos, com fins de alcançar o efetivo desenvolvimento da empresa familiar.

A caracterização da biografada e o cenário de seu nascimento, vida e morte se apresentam durante todo o texto num espaço de educação e amoldamento, desde as características dos pais que estavam no campo da moralidade, honradez e disposição para o trabalho, de Luzi que detém as características da serenidade, sensatez, inteligência, pureza e perfeição, e seu algoz caracterizado como grosseiro e antipático. O apelo é dual, não há meio termo quanto à caracterização subjetiva dos personagens, exposição que coaduna com o contexto da época, considerando a constituição de uma representação de sociedade binária: bons/maus, ricos/pobres, puros/impuros, dignos/indignos, público/privado.

O feminino representado no discurso católico está em consonância com a moral cristã e as expectativas para a mulher dita “de família”. As vestes de Luzi também são objeto de observação do autor, sua postura irrepreensível, segundo ele, é digna de comparação com as demais mulheres da época, diz ele: “Os trajés de Luzi diziam logo que ela era uma mulher séria. Ela não era nunca como essas

mocinhas levianas cujos trajes denunciam logo a pequenez os sentimentos” (FEITOSA, s/d, p.13).

Compreendemos a indumentária como elemento da cultura e parte das representações sociais. Para Chartier (1990), a cultura é considerada um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo; assim é adequado observar o caráter disciplinador da vestimenta de Luzi e o apelo do catolicismo para o controle dos corpos. Ao contrário das “outras”, a mulher de família, que é digna de respeito, deve ter “muito juízo”, e conforme o autor assevera “juízo” parece ser “fruta rara” na sua época.

O controle dos corpos é uma face dessa santidade, a Santa que guarda o seu corpo que se torna assexuado, que se penitencia, que cala, que não ouve e que busca não ver é a representação do feminino que ascende ao paraíso; isso pode ser observado nas histórias de Santa Maria Goretti, Santa Filomena, Santa Rita, Santa Joaquina de Vedruna, além das mulheres santificadas de forma espontânea no Cariri, como ocorre com Benigna, Francisca Maria do Socorro, Francisca Augusta da Silva, Filomena Lacerda, Rufina, e a Nega –Cova da Nega.

Os elementos que articulam Santidade e Educação podem se apresentar como possibilidade de compreensão das disparidades de Gênero e os conflitos que dessa relação surgem. Observamos ainda a produção em estilo hagiográfico na fonte que trata da história de vida de Luzi, constituindo a partir dessa literatura a produção de representações de santidade feminina. Compreendemos que a hagiografia foi largamente utilizada como instrumento educacional na Idade Média por ocasião da ampla utilização do *Exemplum*, modalidade de oratória e metodologia de cunho didático que tinha por objetivo educar os indivíduos a partir do exemplo de homens e mulheres dignos de consideração e respeito por sua vida e comportamento ilibados, sendo estes sujeitos geralmente santos católicos.

A mulher se apresenta representada num campo dual, ora santa, ora pecadora, o feminino transita entre o profano e o sagrado, o modo como o feminino lida consigo e com o outro e como esse outro lida com o feminino é impactado diretamente por esses valores duais. A relação de amor e ódio que se estabelece no campo das representações do feminino dá o tom da violência de gênero e, de modo específico, a violência contra a mulher.

O casamento é comumente o destino da maioria das mulheres no Cariri, salvo as beatas, sobre quem há estudos relevantes (FORTI, 1999), com Luzi não foi

diferente, aos dezenove anos estava casada com Antônio Joaquim, viúvo de cinquenta e quatro anos, próspero proprietário de engenho de fabricação de rapadura e pai de uma indefinida prole do primeiro casamento. Ao certo, a fonte cita Francisco a quem o autor não faz maiores referências e Luiz, um ano mais jovem que a madrasta e que se torna o responsável pelos golpes de faca que a levaram à morte.

Luzi aparece na narrativa como exemplo de esposa para os padrões da época, a mulher que poupa o marido dos contratempos cotidianos, se responsabiliza pela ordem da casa sem, contudo, tomar atitudes que possam se contrapor ao marido. Antônio Joaquim aparece como testemunha no texto de Pe. Neri e a apresenta como esse modelo de esposa, estabelecendo, inclusive, comparações com o primeiro casamento que, segundo ele, ainda que exitoso, tem menos mérito que a convivência com a segunda mulher. A esses depoimentos, arremata o autor aos moldes da moral cristã/católica: “Enfim, meus amigos, eis aí um casal que nunca desejou o divórcio” (FEITOSA, s/d, p.21).

A fonte nos leva a perceber ainda que o volume de trabalho a que comumente a mulher se dedicava por ocasião do casamento era exaustivo; além do cuidado com os filhos, se dedicava à criação de pequenos animais, preparo de farinha e atividades agrícolas. Ao mesmo tempo em que desenvolvia essas atividades contava com trabalhadoras domésticas, essas, por sua vez, acumulavam as rotinas de sua vida privada com as ocupações na casa de sua “senhora”. Apesar disso, o autor busca enaltecer o volume de atividades realizadas por Luzi como uma representação do êxito no desempenho das funções ditas femininas. Diz o biógrafo: “Aí está, uma dona de casa que provisiona pessoalmente sua família, seu marido, seus filhos e a ordem da casa, imprimindo ao seu lar um cunho de própria personalidade” (FEITOSA, s/d, p.22). O trabalho é categoria presente em todo o texto, contudo, o trabalho no âmbito privado, na notória dualidade público/privado na segmentação dos papéis sociais para o masculino e o feminino, respectivamente.

Todos esses elementos constantes na narrativa da vida da Mártir Luzi preparam o percurso para a consolidação da sacralidade da personagem principal do enredo, tendo em vista que o perfil traçado pelo Padre conduz o leitor rumo à naturalização de sua santidade. Ao mesmo tempo, a narrativa centraliza o papel do feminino e delega pouca atenção à postura ativa do assassino, chegando a

apresentar a violência como resultado de uma psicopatia sem relação com o contexto social no qual a mulher se inseria.

A seção intitulada “A Morte” tem início com o trecho que segue: “Agora, coloquemos Luzi no altar de vítima [...] Contemplemos o sacrifício em todo o seu estalar de dores.” (FEITOSA, s/d, p.31). Ao observar o chamado do autor feito ao leitor para a contemplação do sacrifício estabelecemos uma relação com os estudos sociológicos de Hubert & Mauss (1899), para os quais o ritual do sacrifício se apresenta como ato religioso de consagração da vítima. Luzi passa, a partir de sua morte, de um estado material para uma instância divina; ela, objeto de amoldamento social mediante a educação recebida no seio da família, completa sua missão de mãe, mulher e esposa atingindo a santidade através do sacrifício. Para esses autores, a morte violenta em várias sociedades se apresenta como instância do sagrado.

No dia da morte, Luzi cuida dos preparativos para a viagem de alguns membros da família que irão ao núcleo urbano da cidade participar de um ato religioso que contará com a presença de um sacerdote franciscano, místico de relevo no Nordeste do Brasil, Frei Damião de Bozzano. As missões capuchinhas no interior do Nordeste brasileiro levam uma mensagem da religião penitencial, conforme Fragoso (1986) muitas famílias católicas do Cariri cearense se mobilizavam para as missões. Diante de problemas de saúde, Luzi não participará do evento, mas tratará de garantir a participação da família.

Luzi fica em casa na companhia do filho de um ano e de João Bosco, um enteado que brinca pelos terreiros, D. Teresa que recolhe roupas estendidas na cerca e Luiz, o enteado mais velho que, de acordo com Pe. Neri, não tem bom relacionamento com a madrasta. Sobre esse assunto, Saffioti (2004) aponta que a mulher está sujeita à síndrome do pequeno poder; na família a violência pode ser desempenhada por qualquer dos gêneros, contudo dentro de uma rede de significações que delega ao feminino o controle sobre os aparentemente inferiores.

Ao longo da narrativa, o autor ressalta o comportamento austero de Luzi, o rigor com que educa os enteados e filhos, comumente lançando mão de castigos físicos, contudo, esse comportamento é louvável na percepção do padre, que o compreende como cuidado na condução da educação da prole, não há considerações repetidas sobre a insatisfação dos membros da família com relação aos episódios de violência contra as crianças. Apesar disso, Pe. Neri preocupa-

se em acrescentar que aos enteados apenas repreendia as faltas, sem submetê-los a castigos físicos; sobre essa última questão consideremos o imaginário em torno da figura da madrasta, não coadunando com a percepção de sacrifício e santidade que a obra visa consolidar. Assim, complementa o autor: “Todos os enteados, exceção claro, para o algoz, choraram amargamente, por muito tempo, a morte de Luzi, mesmo assim como um filho chorando por sua mãe” (FEITOSA, s/d, p.21).

Luiz se apresenta como inimigo doméstico na narrativa de Pe. Neri, o único ser estranho no contexto de paz perene, caracterizado pelo narrador. Na infância foi internado num hospital para doentes mentais em Fortaleza, para onde retornou algum tempo após o assassinato. É caracterizado na narrativa como “Um homem de asilo”, afirma o narrador que “[...] todo doido tem sua mania” (FEITOSA, s/d, p.21), e a “mania” de Luiz estava relacionada ao desejo sexual. Aqui um elemento simbólico importante para buscarmos compreender as representações em torno do fenômeno da santificação de mulheres violentadas. O homem comparado ao animal é intitulado louco por não controlar seus impulsos sexuais, e a mulher que não cede a tais impulsos ainda que tenha que arcar com o peso da violência é enaltecida por sua bravura em defesa da castidade que, no caso de Luzi, se refere à castidade conjugal.

O fenômeno da violência doméstica contra a mulher se apoia no medo, no silêncio e na defesa de uma moral familiar. Na contemporaneidade, apesar da consolidação dos movimentos sociais que viabilizaram mudanças na legislação penal e processual que tipifica crimes e indica providências no rumo dos procedimentos, perdura o temor diante da impunidade do agressor e da punibilidade da vítima pela sociedade que ainda referenda a demarcação dos papéis em acordo com o sexo biológico, cabendo ao feminino o silêncio, a compreensão, o perdão e a espera pela justiça divina que se dá nos casos estudados no Cariri pela santificação das vítimas.

O desfecho da narrativa conclui pela insanidade de Luiz, já que apenas a loucura justificaria o ato, considerando que a representação do masculino está relacionada à razão e à prudência, conforme aponta Suarez & Sousa (2016, p.300): “É socialmente esperado que enquanto homem, se preocupe com questões práticas, lógicas e de raciocínio”, sendo o assassinato e brutalidade uma anomalia, que só assim se justificaria. Em momento algum é exposta a violência como resultado de relações sociais desiguais.

Na medida em que o assassino é apresentado como insano, merecedor de orações conforme aponta a narrativa, Luzi cumpre o final do ritual de vida e morte alcançando a santidade e “Uma convicção geral se apoderou do povo de que aquela alma subira para o céu, junto do Deus que consola, pois o Evangelho não pode faltar ao que diz: bem aventurados os que choram, porque serão consolados!” (FEITOSA, s/d, p.33-34).

As tensões sociais são explicadas à luz do místico, levando a construções de representações que, de um lado contribuem para cristalização de uma aparente paz social em face da justiça divina que se aplica aos casos de violência e santificação abordados neste trabalho, e de outro molda comportamentos que levam à conformação e aceitação da violência, quando ausentes o debate acerca dos elementos que compõem o complexo jogo das relações sociais.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O conflito de Gênero que se coloca na contemporaneidade não está dissociado dos valores para feminino e masculino construídos historicamente. Assim é que na região do Cariri cearense a diversidade de mulheres assassinadas, vítimas de violência conjugal, destinatárias de violência simbólica e ao mesmo tempo sujeito ativo nessa mesma violência, reúne um emaranhado de representações. Nesta comunicação situamos a relação entre Santidade e Gênero, tendo em vista o feminino. As representações de Santidade constituídas nos espaços da educação e da cultura têm consolidado no Cariri cearense posições dicotômicas entre masculino e feminino, tendo a educação formal ou não formal carirense elaborado no século XX modelos de sociabilidade que contribuíram para a manutenção da violência. As hagiografias que são divulgadas são mecanismos pedagógicos por excelência.

Há, atualmente, naquele território vários movimentos religiosos e rituais de propagação da santidade feminina que têm em seu núcleo histórias de mulheres vítimas de violência sexual ou doméstica. Nesta comunicação nos dedicamos a Luzia Coelho (Barbalha - 1952), morta pelo enteado diante de um conflito familiar que eclode em meio às relações simétricas de poder e mando no interior da família tradicional, mas podemos ressaltar um conjunto de histórias catalogadas durante nosso doutoramento, a exemplo da menina Benigna (Santana do Cariri - 1941), que foi assassinada diante da recusa de manter relações sexuais com o agressor; Luzia Coelho (Barbalha - 1952), morta pelo enteado diante de um conflito familiar que

eclode em meio às relações simétricas de poder e mando no interior da família tradicional; Francisca Augusta da Silva (Aurora - 1958), assassinada pelo ex-noivo depois de a mesma ter rompido com a promessa de casamento; Francisca Maria do Socorro (Milagres - 1943), morta após uma tentativa de estupro quando buscava água em uma fonte de água nas proximidades de sua residência; Rufina (Porteiras - XIX-XX) violentada, assassinada e esquartejada em face da suspeita de adultério com um rico senhor de engenho, pela esposa traída; Maria Caboré (Crato - 1920-30), mulher tida como louca e que encontra santidade diante da dedicação aos doentes do cólera e Maria Filomena de Lacerda (Mauriti - 1975), assassinada pelo marido em companhia da amante. Todas elas guardam em comum o padecimento que se coloca como condição primordial de Santidade na tradição cristã e na oralidade.

Compreendemos a construção do feminino em estreita conexão com os aspectos inerentes à educação de mulheres na modernidade, especialmente quando localizamos a literatura produzida para propagar elementos que constituem a maternidade e vocação para o matrimônio, sendo a hagiografia uma das modalidades em plena divulgação na região do Cariri, ao mesmo tempo quando nos debruçamos sobre a construção discursiva do cristianismo observamos um feminino que de forma heroica abre mão de desejos em prol da construção da harmonia familiar, dedica-se a empresa missionária, empreende uma verdadeira saga para defender os valores do matrimônio, calando quando necessário e defendendo os interesses de esposa quando preciso.

De outro lado, localizamos o feminino que se constrói a partir da produção discursiva dicotômica, é a mulher que está à margem dos valores da modernidade, que não se adequa ao instituto do matrimônio ou interfere na harmonia conjugal quando abre brecha nessa instituição através das relações extraconjugais. Assim, as representações de mulher santa e mulher profana se elaboram no cotidiano e se propagam discursivamente.

Assim é que as comunidades constroem elos com esses personagens históricos na via da transcendência. Estando o feminino circunscrito ao espaço privado da família, alcança com a morte a plenitude de sua ação no âmbito público, dialogando com o divino de forma direta e intermediando a relação entre o céu e a terra.



Todas essas relações compõem um quadro típico dos conflitos de Gênero próprios da família moderna. E essa história de violência se transforma em história de santidade através da oralidade popular, do discurso católico e da escrita pastoral, viabilizando uma organização ritual e uma pedagogia que deixa o conflito e a violência de Gênero de lado para propagar um martírio santo a ser cultuado pela comunidade.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Irene. **Noções de Educação Doméstica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Getúlio Costa, s/d.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960a.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960b.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. Rio de Janeiro: Edições Best Bolso, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. São Paulo: Difel, 1990.

DUARTE, Teresinha Maria. **Santa Isabel Rainha De Portugal: Modelo De Santidade Feminina e Leiga**. OPSIS - Revista do NIESC, Vol. 6, 2006.

ELLSBERG, Robert. **Bendita entre as mulheres: santas, profetisas e testemunhas do nosso tempo**. São Paulo: Novo Conceito Editora, 2008.

FEITOSA, Pe. Neri. **Luzi: Mártir do Ceará**. Barbalha –Ce. S/D.

FLECK, Eliane. TAVARES, Mauro. **Morta de amor por Deus: a vida exemplar de Dona Thomázia, uma mulher letrada e devota que morreu em Lisboa no ano do terremoto (1755)**. Estudos Históricos Rio de Janeiro, v. 28, n. 55, p. 27-50, janeiro/junho. 2015.

FORTI, Maria do Carmo Pagan. **Maria do Juazeiro: a Beata do Milagre**. São Paulo: Annablume, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 2014.

FRAGOSO, Frei Hugo. **Nordeste Do Segundo Império** - O Apaziguamento Do Povo Rebelado Mediante As Missões Populares. Revista de C. Sociais, Fortaleza, v. 16117 N°. 1/2, 1986.

GREENE, Gayle; KAHN, Coppélia (Ed.). **Feminist cholarship and the social construction of woman**. In: —. Making a difference: feminist literary criticism. London: Rortledge, 1994. p. 1-36.

HUBERT, H.; & MAUSS, M. Ensaio sobre a natureza e a função do sacrifício. In: MAUSS, M. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999.

MARTINS, William de Souza. **Mártires, freiras, beatas penitentes e matronas caridosas**: modelos de santidade feminina na América Portuguesa (século XVIII). In: Caderno SocioAmbiental, Ano I, Número 1, Niterói, 2013. p. 13-28.

MEZAN, Leila. **Honradas e devotas; Mulheres da colônia**: estudos sobre a condição feminina através dos conventos e recolhimentos do Sudeste. São Paulo, 1992. Tese (Doutoramento) - Universidade de São Paulo.

MORAIS, Álvaro Dellano Rios. **O povo fez sua santa**: canonização espontânea nas narrativas dos devotos de Mártir Francisca. 2008. 125 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

NERI, Regina. Crise do Masculino-paradigma do sujeito universal metafísico. In: **A psicanálise e o feminino**: um horizonte de modernidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

NOBRE, Edianne S. **Incêndios da alma**: a beata Maria de Araújo e a experiência mística no Brasil do Oitocentos. 2014. 293 f. Tese (Doutorado) – UFRJ/ Instituto de História/ Programa de Pós-Graduação em História Social, Rio de Janeiro, 2014.  
OLIVEIRA, 2013

SAFFIOTI, Heleneith. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da (Org.). **Hagiografia & História**: reflexões sobre a Igreja e o fenômeno da santidade na Idade Média Central. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2008.

SUAREZ, Fernanda Chiozzini.; Martins Suarez.; SOUSA, Júnia Marise Matos. **Homem Razão E Mulher Emoção**: Uma Análise Da Relação Dicotômica Entre Homens E Mulheres Na Visão Dos Assentados (As). Revista Ambivalências v.4, n.7, p. 288-308. Jan./Jun. 2016

